

O quartel infantil: representações dos grupos escolares sergipanos

Magno F. de J. Santos

Faculdade José Augusto Vieira, 49400-000, Lagarto Se

magnohistoria@gmail.com

(Recebido em 26 de agosto de 2010; aceito em 28 de junho de 2011)

Os grupos escolares foram disseminados em Sergipe a partir do início do século XX. No processo de difusão desse modelo educacional foram criadas inúmeras metáforas, entre as quais se destacou a de quartel. O objetivo desse artigo é analisar a relação entre os primeiros grupos escolares e os quartéis de Sergipe no início do século XX. A partir da análise de relatórios, anúncios, pronunciamentos e imagens dos primeiros grupos se tornou possível tecer conexões entre os modelos arquitetônicos das duas instituições.

Palavras-chave: arquitetura escolar, grupo escolar, quartel.

The school groups were spread in Sergipe from the early twentieth century. In the process of dissemination of this educational model were many metaphors, among which stood out from the barracks. The aim of this paper is to analyze the relationship among the first school groups and the barracks of Sergipe in the early twentieth century. From the analysis of reports, advertisements, speeches and images of the first groups became possible to make connections between the architectural models of both institutions.

Keywords: architecture school, school group, barracks.

1. INTRODUÇÃO

Os grupos escolares foram uma das grandes novidades que os republicanos apresentaram no campo da educação primária. Tratava-se de escolas graduadas, que reuniam turmas seriadas, geralmente divididas por sexo e que funcionavam em prédios especialmente projetados para ser escola. Pode-se afirmar que os grupos escolares foram relevantes instrumentos na consolidação da imagem de escola como edifício, como prédio público. A educação primária se tornava objeto de divulgação dos ideais do novo regime político do Brasil.

No início do século XX o ensino primário graduado estava sob o olhar vigilante. Diferentes esferas da sociedade passaram a acompanhar o rendimento dos alunos e a ação das mestras. Tudo era visível e a exibição passou a ser uma exigência dos governantes. Podemos dizer que se tratava do espetáculo da educação republicana em busca de diferentes modos tornarem a rotina do ensino em uma ocasião de expor as proezas do ensino, da ação republicana, da emergente civilização. Do mesmo modo que havia aulas que deveriam ser exibidas e outras que permaneceriam sob o silêncio, setores da sociedade foram inseridos na vigilância do ensino, criando metáforas, construindo inúmeras representações a respeito das novas instituições de ensino.

Certamente a metáfora que mais deteve força nos discursos a respeito dos grupos escolares em Sergipe foi a de quartel. A perspectiva militarizada da educação prevaleceu no período de difusão dos monumentais prédios escolares pelos principais municípios do estado. Em diferentes ocasiões a realidade educacional dos grupos escolares era aproximada da rotina dos quartéis, fosse metaforicamente, fosse empiricamente. As duas instituições estavam em constante diálogo.

2. MATERIAL E MÉTODO

O enveredar do século XX foi marcado em Sergipe pela militarização da infância. As crianças deveriam ser preparadas para a civilização e para a guerra. Era na escola que as crianças aprenderiam a amar o país em que viviam e também na escola se preparariam para se tornarem defensoras do futuro da pátria. O imaginário republicano deu atenção especial para a infância como sinônimo do futuro do Brasil. Pelas propostas de ensino atribuídas aos grupos escolares, o futuro da nação brasileira era promissor, mas precisava aumentar o número de escolas para que o ingresso do Brasil no mundo civilizado não tardasse.

Para compreender o universo educacional de Sergipe nos três primeiros decênios do século XX é preciso adentrar a seara da memória, inquirir as representações sobre os grupos escolares e os modos de apropriação. A escola antes de ser edificada era pensada e atribuída de determinadas finalidades, que geralmente extrapolavam os limites do ensinar/aprender. A concepção de escola no primeiro quartel do século XX era ampla e englobava sentidos oriundos de diferentes instituições públicas, inclusive, do exército. Nesse artigo temos o propósito de analisar a relação entre os grupos escolares e os quartéis ao longo dos três primeiros decênios do século XX. A análise está pautada na documentação produzida nesse período, como mensagens, pronunciamentos, relatórios, notas de jornais e imagens fotográficas dos grupos escolares.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Navegar pelo oceano turbulento do passado educacional sergipano incumbe em se dispor a confrontar com modelos de escolas que possuíam uma infinda quantidade de objetivos. Ensinar ia além de preparar os alunos para ler, escrever e calcular. No início do século XX a escola tinha também como missão civilizar a sociedade brasileira sob o viés patriótico. Os grupos escolares, com seus prédios monumentais que eclodiam nas ruas e praças centrais das principais cidades do estado faziam parte dessa conjuntura. Eram instituições em que a pátria deveria ser cultuada, idolatrada. Não é mister que as professoras das referidas instituições eram convocadas como as musas ou sacerdotisas que atuavam nos famigerados templos da sabedoria. Elas eram as responsáveis em propiciar, em despertar no aluno o amor patriótico, o sentimento nacionalista. A escola era um dos caminhos de preparar os futuros soldados da nação.

Pode-se questionar o intuito de tamanha azáfama em constituir novos soldados ainda na infância, nos harmoniosos grupos escolares. Afinal, o que estava ocorrendo que causava tanto desespero na formação de um exército desde a mais tenra infância? Por que tanta ênfase em moldar os corpos e dotar os alunos de obediência, agilidade e patriotismo?

Para entender tais motivações é preciso ir além das paredes dos grupos. Torna-se necessário empreender a leitura do contexto social em que os grupos escolares foram criados em Sergipe. A difusão da escola graduada em Sergipe ocorreu no período de tensões mundiais de proporções nunca vistas antes. O período que demarcou o ápice da construção de edifícios suntuosos pelo estado foi também a época de tragédias que mudaram o modo de enxergar o mundo. Trata-se do período entre guerras¹. As ressonâncias da guerra adentraram no cotidiano escolar e determinaram as práticas educativas, com o fortalecimento das preleções nacionalistas e destaque para as aulas de ginástica. A nação brasileira deveria ser constituída de modo abrupto, forjando-se uma nacionalidade e unidade nacional.

A proximidade entre a escola e o universo de preparação da defesa nacional aparece em inúmeros momentos na documentação oficial. As autoridades faziam questão de evidenciar que os grupos escolares deveriam funcionar como pequenos quartéis em que se modelariam os corpos e a moral da mocidade estudantil de Sergipe. Um dos grandes entusiastas dessa

¹ Os grupos escolares em Sergipe foram implantados com estilos grandiosos entre 1911 e 1926. Nessa mesma época ocorreu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que deixou o mundo atordoado com medo de novos conflitos e, principalmente, pelo elevado número de vítimas grassadas pelas máquinas mortíferas. Após o conflito mundial a tensão não foi reduzida, pois havia o perigo da eclosão de um novo conflito, como veio a ocorrer entre 1939 e 1945. Sobre o período em questão pode ser discutida a obra de Eric Hobsbawm (1995).

perspectiva educacional era o engenheiro Firmo Freire, que teve seu período de maior influência na arquitetura escolar sergipana na segunda década do século XX. Em seu pronunciamento ele destacou o imaginário republicano a respeito da missão do professor e sua proposta de escola:

Terminados os trabalhos de construção, cabe ao professor primário a missão beneficente de ministrar o ensino à mocidade sergipana. A instrução primária tem importância primacial na constituição das nacionalidades e é na instrução primária que está a força das democracias (FREIRE, 10-07-1917, p. 02).

Como se pode perceber, o engenheiro buscou reforçar a missão atribuída aos professores de construir a democracia do país por meio da alfabetização da infância sergipana. Ele deixa evidente que existia uma idéia de continuidade entre as atividades dos engenheiros educacionais e dos professores, pois os dois seriam os responsáveis pela modernização pedagógica do Brasil. O imaginário republicano estava intrinsecamente conectado ao universo dos grupos escolares, com o fortalecimento da democracia e do nacionalismo patriótico. Contudo, Firmo Freire também enfatizou os aspectos do nacionalismo que deveria ser o alvo principal das aulas ministradas nos grupos escolares de Sergipe.

A escola primária é, por assim dizer, o primeiro passo para a organização da nossa defesa, porque a instrução primária é o hino sabido de cór, é o dever aprendido. Precisamos auxiliar a nossa nacionalidade, conseqüentemente precisamos ensinar a ler e contar, precisamos implantar no coração dos moços o mapa do Brasil, se quisermos estimular o sacrifício da vida na fronteira (FREIRE, 10-07-1917, p. 02).

O pronunciamento de Firmo Freire é elucidativo a respeito das questões atinentes ao patriotismo nos grupos escolares. O aluno ao dirigir-se à escola não iria apenas aprender a ler, escrever e contar, mas também a defender e honrar sua pátria. A nação brasileira seria consolidada entre as paredes majestosas dos grupos escolares. A defesa nacional teria sua preparação iniciada nas escolas primárias, com o ensino da história e corografia² nacional e apego aos símbolos nacionais. Um dos propósitos explícitos das escolas primárias era formar soldados capazes de se sacrificarem em prol da defesa da nação brasileira e para isso era necessário fortalecer os laços identitários, forjar uma história e geografia comuns, desenhar um patriotismo nos moldes republicanos.

Criar uma nação não é tarefa fácil e certamente foi árduo desenvolver o sentimento patriótico da sociedade brasileira. Um dos caminhos apontados pelo engenheiro do Departamento de Instrução Pública de Sergipe foi o da História. As preleções deveriam se tornar um palco no qual desfilariam os heróis que construíram a nação brasileira. Pautada na pedagogia moderna, os grupos escolares deveriam servir como os templos em que seriam cultuados os líderes que se sacrificaram pelo país. Assim, no entender de Freire, “aqui se deverá fazer o culto dos nossos grandes homens, dos nossos heróis, da nossa bandeira. Aqui devemos aprimorar as [sic] bons sentimentos” (FREIRE, 10-07-1917, p. 02).

A escola deveria ser militarizada e a arquitetura certamente sofreu influência de tal pressuposto, tendo em vista que o próprio engenheiro a defendia. Foi na inauguração do Grupo Escolar Barão de Maruim que o engenheiro discursou enfatizando a metáfora de quartel

² Desde o século XIX a disciplina corografia era lecionada nas escolas brasileiras. As discussões não apresentavam somente as discussões do campo da geografia, mas também temas atinentes à História. As corografias tiveram seu período áureo em Sergipe entre o final do século XIX e início do XX, com as publicações de obras que discutiam os aspectos geo-históricos sergipano. Sobre os livros didáticos de geografia e corografia de Sergipe Vera Maria dos Santos (2004) realizou uma instigante análise que remete desde o final do século XIX até a década de 60 do século XX.

para os grupos escolares. Ele alegou que a escola deveria ser um espaço destinado à formação dos soldados, pois com a proposta pedagógica patriótica preparariam sujeitos capazes de defender a nação. Ele incitou que esse seria o papel da escola moderna.

Modernamente sua escola é um quartel, perdoe-me todos a comparação, e note-se que o recíproco é sempre uma verdade – o quartel sempre é uma escola. Aliás, soldado não é simplesmente quem veste a farda, nós os militares profissionais seremos os commandantes eventuaes dos brasileiros. Fundamentalmente soldado é todo indivíduo que está em condições de defender sua pátria (FREIRE, 10-07-1917, p. 02).

A comparação realizada por Firmo Freire no ato da inauguração denota os aspectos do imaginário republicano e a tentativa de constituir uma proximidade entre a escola e o quartel. Podemos questionar se o intuito dos militares, aos quais se incluíam o general Valadão e o engenheiro Firmo Freire, era de aproximar o cotidiano escolar da rotina extenuante e austera dos quartéis, ou simplesmente tornar os quartéis condignos da esfera educacional. A primeira assertiva é a mais plausível, pois o engenheiro tentou edificar grupos que possuíam uma estrutura arquitetônica semelhante a dos quartéis.

O rigor das escolas e a racionalização do tempo e do espaço eram atribuições que já vinham sendo despertadas nos quartéis e prisões, mas tardiamente chegavam às escolas primárias com a inserção dos grupos escolares. Era preciso domar os sujeitos e banir os maus-costumes, criando-se corpos dóceis³ e que reagiam aos sons das sinetas, aos comandos dos professores. As salas passaram a ter seu traçado perene, com filas de cadeiras duplas com alunos hierarquizados por séries e idade, sob o olhar perscrutador dos mestres. A hierarquização dos poderes na escola foi também um elemento que aproximou a rotina escolar das prisões e quartéis.

Vislumbrar os embaraços da hierarquização do processo de vigilância e punição nos grupos escolares sergipanos é salutar. Para entender a racionalização das linhas arquitetônicas dos prédios escolares é preciso ir além da interpretação dos estilos e das técnicas de construção. Os prédios podem traduzir anseios que extrapolam os limites da arte e do individualismo. A modernidade seria engendrada não somente por meio de edifícios imponentes que se impunham na paisagem urbana dos principais núcleos urbanos do estado. Ela também se dava por meio da racionalização das linhas, da mecanização dos corpos, da vigilância, enfim, da criação de uma sistematização que propiciasse o controle total da infância. Ser cidadão patriótico significava mais do que ir aos campos de batalhas lutar pela nação. Era preciso também travar uma luta interna contra os maus-costumes e os vícios que entravavam a marcha brasileira rumo à civilização. Os militares, que na segunda década do século XX estavam no poder em Sergipe, almejavam construir escolas para formar os futuros soldados do país, como atesta o depoimento de Firmo Freire:

³ Referimos à criação de corpos dóceis no sentido de que os grupos escolares eram instituições que tinham por objetivo manter o controle sobre o alunado e suas ações. O traçado arquitetônico dos prédios escolares podia ser visto como espaço construído especificamente para tal fim, para vigiar e exercer poder de controle sobre alunos, professores e demais funcionários, numa cadeia hierarquizada de poder. Na perspectiva foucaultiana esse poder era exercido de modo esmiuçante, no qual os mínimos detalhes eram alvo da ação vigilante do corpo administrativo. Era a microfísica do poder. Um dos instrumentos usados no exercício do controle era a rigidez no cumprimento dos horários. Todas as atividades dos grupos escolares eram cronometradas e os professores deveriam cumprir essas atividades com afinco dentro do tempo pré-estabelecido, estando passíveis a punições. Além disso, o olhar inquiridor de professores e corpo administrativo também era utilizado como estratégia de vigilância e, quiçá, de punição. Os alunos deveriam se exibir diante dos mestres para que eles pudessem observar se estavam dentro dos padrões almejados. Sobre a questão da vigilância e punição nas instituições que tem como finalidade tornar os corpos dóceis Michel Foucault (2002) desenvolveu uma investigação fecunda e se tornou um dos principais autores discutidos pelos historiadores da Educação.

Sergipano e modesto, temente que também sou. Regosijo-me com este acontecimento, e brindo com o exm. General Valladão, velho soldado que na actividade de militar foi sempre soldado, contendo os desmandos revolucionários, contendo o estrangeiro invasor, e fora da actividade militar, podendo como antigos romanos ter um descanso com dignidade, vem governar Sergipe com bondade, com tolerância, construindo escolas, ensinando a ler, fazendo soldados (FREIRE, 10-07-1917, p. 02).

A fala do engenheiro militar Firmo Freire é reveladora sobre a trajetória do presidente de Sergipe, Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão. Além de ser general e ter lutado contra forças estrangeiras, ele atuou também contra as revoluções e seus desmandos, ou seja, tinha sufocado os movimentos sociais que ocorreram no Brasil entre o final do Império e início da República. Todavia o indício que desvenda a trajetória política do presidente está nas considerações finais do pronunciamento, ocasião em que ele afirma que o soldado de outrora ao invés de buscar o descanso foi governar Sergipe com tolerância e bondade. Essa assertiva foi uma tentativa de desvencilhar o governante da imagem construída no decorrer de sua primeira gestão (1894-1896), marcada fortemente pelos atos de violência contra os opositores⁴. No fim de sua vida pública, o general Oliveira Valadão tentou constituir o novo perfil de cidadão sergipano, edificando escolas que teriam como atribuição preparar a juventude para a labuta e luta em defesa da pátria. A escola seria um quartel infantil. As crianças seriam os pequenos soldados, que em tempos de paz iriam trabalhar e nos de guerra, lutar. Na década da tríade militar sergipana, os grupos escolares foram criados como reflexos dos quartéis militares.

A proximidade entre a escola, os quartéis e as cadeias não figuravam somente no plano discursivo. A arquitetura também dialogou, propiciou o encontro dos dois modelos de instituições consonante ao processo de disseminação da escola graduada em Sergipe. Alguns grupos escolares foram criados em construções que tinham funcionado na época imperial como cadeias públicas. Assim, as antigas cadeias serviram de base para a edificação dos monumentais prédios que serviram como grupos.

Devemos lembrar que as celeumas em prol da modernidade educacional nem sempre imbuíu na construção de prédios totalmente novos. Em alguns casos ocorreu a adaptação de velhos casarões que possuíam finalidades⁵ distintas na época imperial para que fossem instalados os

⁴ Segundo Ibarê Dantas (2004, p. 27-8), a primeira administração de “Oliveira Valadão (1894-1896) foi marcada por arbitrariedades e perseguições políticas, afastamento de magistrados, brigas prolongadas com o Judiciário, tudo contribuindo para desorganizar a vida institucional que vinha sendo construída com dificuldades”. Essa imagem perdurou até a sua segunda gestão, que teve características mais amenas e marcou a consolidação de algumas reformas modernizadoras do estado de Sergipe.

⁵ Um caso elucidativo teria sido o Grupo Escolar Olímpio Campos na cidade de Vilanova, que em decorrência da precariedade do prédio original, construído na administração do coronel Pereira Lobo, teve que ser transferido para a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, com pequenas adaptações. Sobre essa transferência pode ser consultado o artigo de Miguel Berger (2005, p. 76), que traça um pequeno perfil da trajetória dos grupos escolares criados no governo de Graccho Cardoso. Todavia, a possível instalação do grupo nas dependências da igreja do Rosário pode ser questionada, se observarmos a bibliografia produzida ao longo do século XX. No texto de Clodomir Silva, produzido em 1920 para comemorar o centenário da Emancipação política de Sergipe, aparece uma fotografia do edifício em que funcionaria o referido grupo escolar. Pela imagem a obra encontrava-se quase que concluída. Na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1959), no volume que trata de Alagoas e Sergipe, aparece a fotografia do Grupo Escolar Marechal Pereira Lobo. Ao comparar as duas imagens ficou evidente as semelhanças existentes entre elas. Certamente se tratavam do mesmo edifício. O único ponto divergente é a presença da águia no frontispício do prédio da segunda fotografia. Mesmo assim, a inclusão desse elemento simbólico é compreensível e somente confirma a hipótese da escola ter permanecido funcionando no mesmo edifício. É preciso lembrar que o prédio tinha sido idealizado pelo general Oliveira Valadão e sua construção teve início na administração do coronel Pereira Lobo, tendo se prolongado por quatro anos até a gestão de Graccho Cardoso. A primeira fotografia, datada de 1920, apresenta a conclusão da obra no governo de Pereira Lobo. O próprio Graccho Cardoso alegou em 1925 que “já encontrei acabada a construção deste prédio, que é péssima, limitando-me simplesmente a rematar

modernos grupos escolares. Segundo os dados dos Quadro I, sete grupos escolares foram edificadas a partir da doação de terreno⁶, prédio⁷ ou da adaptação⁸ de algum prédio público. Do grupo de prédios adaptados, três tinham servido como cadeias públicas das cidades de Anápolis⁹, Lagarto e São Cristóvão. Um número considerável se levarmos em conta que no mesmo período foram inaugurados apenas 14 grupos em todo o estado. O dado se torna mais relevante se observarmos que entre os prédios que foram ou seriam adaptados (quatro) para servirem como grupos escolares, 75% eram cadeias públicas. Esses dados confirmam que a difusão dos grupos nos prédios adaptados das antigas cadeias não foi uma mera coincidência. É muito provável que existisse alguma similitude no traçado arquitetônico das duas instituições para que fizesse a substituição das cadeias pelos grupos.

QUADRO I
Relação dos prédios dos grupos escolares de Sergipe criados entre 1911-1924

Ano de inauguração	Nome da instituição	Cidade	Governo em que foi construído	Origem do prédio/terreno
1911	Grupo Modelo	Aracaju	Rodrigues Dória	Escola Normal, construída pelo Estado
1914	Grupo Central	Aracaju	General Siqueira de Menezes	Construído pelo Estado para o próprio fim
1917	Grupo Escolar Barão de Maroim	Aracaju	General Oliveira Valadão	Construído pelo Estado no terreno doado pelo Barão de Maruim
1918	Grupo Escolar General Valladão	Aracaju	General Oliveira Valadão	Construção financiada por campanha realizada pelos sócios do Comício Agrícola
1918	Grupo Escolar Coelho e Campos	Capela	General Oliveira Valadão	Prédio doado pelo ministro Coelho e Campos
1923	Grupo Escolar Gumersindo	Estância	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado

o respectivo acabamento, quando de sua entrega à população” (SERGIPE, 1925, p. 76). Esse acabamento que Graccho Cardoso se referiu inclui a águia, símbolo maior de seu governo. Com isso, ele justificou a simplicidade do prédio atribuindo a obra a Pereira Lobo e ressaltou o acabamento devido a sua marca, a águia alada. A hipótese de Berger (2005) quanto às críticas que a população fez em relação à nomenclatura do grupo é plausível. A mudança de nome para Marechal Pereira Lobo em 1950 deve ter sido uma homenagem ao governo que construiu a instituição escolar nos idos da segunda década do século XX.

⁶ Grupo Escolar Barão de Maruim (terreno doado por João Gomes de Mello para instalação do Asylo Nossa Senhora da Pureza) e Grupo Escolar José Augusto Ferraz (terreno doado por Thales Ferraz).

⁷ Grupo Escolar Coelho e Campos (criado no sobrado doado pelo senador homônimo natural de Capela) e Grupo Escolar General Valadão (construção que partiu da campanha dos sócios da Empresa Agrícola).

⁸ Grupo Escolar Barão de Maruim (aproveitou as ruínas do antigo Asylo Nossa Senhora da Pureza), Grupo Escolar Vigário Barroso (seria implantado no Palácio Provincial, mas acabou sendo criado no sobrado da antiga cadeia pública), Grupo Escolar Sílvio Romero (adaptação da antiga cadeia pública) e Grupo Escolar Simão Dias (seria implantado no prédio da antiga cadeia pública).

⁹ O projeto inicial consistia na adaptação da cadeia pública da cidade para se tornar um edifício escolar. Isso só não ocorreu em decorrência de existir um cemitério ao lado que destoava com as condições higiênicas. Com isso, o projeto foi adaptado e o Grupo Escolar Simão Dias (posteriormente Fausto Cardoso) foi construído em outro terreno.

	Bessa			
1923	Grupo Escolar Vigário Barroso	São Cristóvão	Graccho Cardoso	Antiga cadeia da cidade
1923	Grupo Escolar General Valladão	Aracaju	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1924	Grupo escolar Sylvio Romero	Lagarto	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1924	Grupo Escolar Dr. Manuel Luiz	Aracaju	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1925	Grupo Escolar José Augusto Ferraz	Aracaju	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado no terreno doado por Thales Ferraz
1925	Grupo Escolar Fausto Cardoso	Anápolis ¹⁰	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1925	Grupo Escolar Coronel João Fernandes	Propriá	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1925	Grupo Escolar Olympio Campos	Vilanova	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1926	Grupo Escolar Coelho e Campos	Capela	Graccho Cardoso	Permuta de prédio por melhor acomodação
1926	Grupo Escolar Severiano Cardoso ¹¹	Boquim	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado

Fonte: mensagens apresentadas pelos presidentes do estado entre 1911 e 1926. APES. Quadro elaborado pelo autor.

As representações dos grupos escolares como quartéis não era um simples elemento da retórica republicana. As escolas graduadas eram implantadas sobre a memória das antigas prisões das cidades do interior sergipano. De masmorras a palácios imponentes que maravilhavam os olhos da população. Do medo da prisão à esperança depositada no campo educacional com seus magníficos prédios. O surgimento dos grupos escolares delimitou uma nova fase da estética urbana das cidades, com perfis de sobrados embelezados e dotados das exigências da higiene.

Foi no governo de Graccho Cardoso que os prédios das antigas cadeias foram transformados em instituições escolares. Em Lagarto, o edifício modesto com uma porta central e duas janelas em cada lateral cedeu lugar ao moderno edifício que se tornou símbolo da cidade e do progresso vigente. No Álbum de Sergipe, escrito por Clodomir Silva nas comemorações do primeiro centenário da Emancipação Política de Sergipe, aparece uma fotografia do Quartel de Polícia, mesma imagem que faz parte do álbum de recordações de Leonor Telles de Menezes como

¹⁰ Atual município de Simão Dias. O topônimo Anápolis foi estabelecido pela Lei 621 de 25 de outubro de 1912, no governo do general José de Siqueira de Menezes e perdurou até o Decreto-lei 533 de 7 de dezembro de 1944, que retomou com a denominação original (BARRETO, 2008, p. 24).

¹¹ Este grupo foi criado como Escola Reunida, assim como a Escola Reunida Esperidião Monteiro em Santo Amaro das Brotas. Todavia, em 1926 ela foi elevada a grupo escolar, o que não aconteceu com a de Santo Amaro. Por esse motivo resolvemos incluir o grupo de Boquim no referido estudo e não fazer o mesmo com a escola reunida de Santo Amaro.

“cadeia pública transformada em Grupo Escolar ‘Sylvio Romero, na administração do dr. Graccho Cardoso” (MENEZES, apud. SANTOS, 2006, p. 102).

Os grupos escolares adentravam a sociedade sergipana, conquistando os espaços privilegiados das principais cidades e para isso, tornou-se necessário adaptar algumas construções já existentes. A modernidade não poderia ser travada devido à falta de terrenos disponíveis em locais prestigiados. Além disso, essa também foi uma estratégia de possibilitar o afastamento das cadeias públicas, geralmente instaladas sem as mínimas condições de segurança¹², para ruas mais distantes do centro das cidades. Devemos lembrar que, no imaginário republicano, o processo de embelezamento e de higienização das cidades não ocorria somente com as demolições dos antigos casarões e reformas dos traçados urbanos. Higienizar era também afastar os sujeitos perigosos das áreas centrais das cidades, impelir a pobreza para as zonas periféricas. O embelezamento também ocorria no campo da moral.

A cidade de Lagarto passou a adejar pelos ares da modernidade. A prisão foi substituída por um majestoso edifício que se impunha na paisagem urbana. O repúdio às condições precárias do antigo prédio cederam lugar ao vislumbamento, ao encantamento da população pela magnificência da construção. Preceitos pedagógicos, políticos, higienistas, arquitetônicos e da modernidade transpareciam na obra.

A facúndia arquitetônica do Grupo Escolar Sílvia Romero demonstra que os edifícios escolares foram criados no intuito de cristalizar a imagem de escola como prédio público, solenemente exposto nas vias centrais das cidades. Os republicanos não queriam apenas desenvolver um espaço exclusivamente destinado ao ensino. O desígnio ia além. O fito da ereção de prédios com características monumentais era demarcar um espaço e uma época, o espaço da escola e o tempo da República. Era necessário evidenciar os sinais da entrada no novo período histórico. Ao contrário das escolas isoladas disseminadas amplamente por todos os recônditos do estado, os grupos deveriam aparecer e permanecer. Eram construções que deveriam ter a perenidade como imputação.

No entanto, nem todos os prédios adaptados das prisões foram drasticamente modificados de sua estrutura arquitetônica original, como ocorreu com o Grupo Sílvia Romero. Em São Cristóvão, antiga capital de Sergipe e que estava passando por um processo de industrialização, o Grupo Escolar Vigário Barroso foi criado no edifício da antiga cadeia pública sem apresentar muitas alterações do traçado original. As características do barroco colonial permaneceram no sobrado da Praça da Matriz. Na mensagem de 1925, Graccho Cardoso disse que tinha transformado “a sombria masmorra de São Christovam no Grupo Escolar Vigário Barroso, um dos que melhor entendem com a aplicação dada” (SERGIPE, 1925, p. 14). A fachada do grupo expressava algumas discrepâncias entre o edifício do grupo de São Cristóvão e os das demais cidades. A escola localizava-se em um sobrado, sem jardins e pátios. É evidente que a marca da monumentalidade estava presente na obra, pois o sobrado era um dos mais imponentes da cidade de São Cristóvão e a localização era altamente privilegiada, pois além de ficar na praça principal, estava situada defronte a igreja matriz.

A metáfora de quartel seguiu os grupos ao longo de suas trajetórias. As vicissitudes política de Sergipe fizeram com que a contigüidade entre os grupos e os quartéis não ficassem restritos ao momento da criação das escolas graduadas. A primeira metade da terceira década do século XX marcou definitivamente a transformação de alguns grupos escolares em quartéis. Não era somente o quartel que poderia ser aproveitado como prédio escolar. A similitude era recíproca: um grupo escolar também poderia servir para alojar um quartel.

O caso elucidativo dessa situação ocorreu com o Grupo Escolar General Siqueira¹³, que foi desalojado para a instalação do quartel da polícia militar. Certamente o prédio do Grupo General Siqueira era um dos mais imponentes de todo o estado de Sergipe e esse fato deve ter contribuído para a desocupação da escola. Cardoso justificou o ato alegando que:

¹² A historiografia sergipana é unânime em afirmar as condições precárias em que estavam as cadeias públicas de Sergipe desde a colônia até a República. Instalações precárias, elevado número de fugas, falta de higiene faziam parte do cotidiano de tais instituições. Sobre esse tema pode ser consultado Maria Thetis Nunes (1996).

¹³ O Grupo Escolar General Siqueira foi desocupado de sua antiga instalação

Devido a premente necessidade, no Grupo Escolar General Siqueira foi alojado o Batalhão Militar do Estado, dada a imprestabilidade do quartel então existente. O governo já contractou, porém, com o constructor Hugo Bozzi, a elevação de um novo prédio em substituição à aquelle, respeitada em absoluto a antiga denominação, em homenagem ao illustre ex-presidente do Estado. As classes desse grupo foram temporariamente transferidas para o edifício do antigo Grupo General Valladão, hoje em dia Faculdade Livre de Direito Tobias Barretto (SERGIPE, 1925, p. 14).

As dependências de uma escola se enquadravam perfeitamente para a implantação de um quartel. Outro motivo que teria propiciado a transferência do Grupo General Siqueira foi a proximidade entre ele e os grupos Barão de Maruim e General Valadão. O governo de Graccho Cardoso foi marcado pela criação de inúmeras instituições escolares e culturais, inclusive de ensino superior. Com isso, o Grupo general Siqueira acabou funcionando por muitos anos nas dependências do Grupo Barão de Maruim, o que fez gerar uma série de impasses administrativos.

Assim, o processo de modernização da capital era engendrado, com a transferência de instituições públicas e abandono de prédios decadentes, como o do antigo quartel nas proximidades do morro do Bonfim¹⁴. Graccho Cardoso tentou modernizar a cidade de Aracaju a partir da criação de instituições culturais e afastando as mazelas que punham em risco o embelezamento da cidade. Com isso, ao transferir o quartel para as dependências do Grupo General Valadão e ao criar o presídio na saída da cidade, o governo estava cumprindo com um dos objetivos da República brasileira, que era afastar as mazelas sociais da área central da cidade. Observando a Figura II percebemos a imponência do prédio que serviu como prisão e quartel e que foi abandonado em estado de ruína.

¹⁴ O Morro do Bonfim localizava-se ao norte do centro da cidade de Aracaju (atualmente no local existe o Terminal Rodoviário Luiz Garcia. O morro foi demolido no governo de Leandro Maciel em 1955. Sobre a repercussão da demolição e as representações do morro do Bonfim na sociedade aracajuana pode ser consultada uma instigante investigação realizada por Josefa Nubia de Jesus Passos (2008).



Figura XXVII: Antiga cadeia pública de Aracaju. FONTE: Acervo Iconográfico Rosa Faria. Memorial de Sergipe. RFI 0207.

O postal de 1909 apresenta o quartel em localização inóspita, afastado das construções da capital sergipana. No entanto, na década seguinte o crescimento populacional de Aracaju era evidente e se tornou necessário afastar as prisões dos arredores das construções civis. O quartel foi desmantelado e transferido para o prédio do Grupo General Siqueira.

Outra ocasião em que ocorreu uma simbiose entre os prédios escolares e os quartéis foi na eclosão do movimento tenentista, no governo de Graccho Cardoso. A instabilidade política fez com que as aulas fossem interferidas em alguns grupos que estavam na zona de influência dos rebelados. Sergipe passou por momentos difíceis no limiar do terceiro decênio do século XX. Foram sérias turbulências que ameaçaram naufragar a nau educacional sergipana em busca da civilização. Os espelhos da modernidade estavam ofuscados diante dos impasses gerados pelas revoltas que ganhavam as ruas das cidades sergipanas. Mais uma vez a história educacional cruzou com o medo. As autoridades temiam a perda do controle, tão apreciado pelos republicanos, o desregramento geral da sociedade.

Os soldados sergipanos tinham que lutar. Não era uma luta contra o estrangeiro invasor, como previam algumas autoridades, mas sim, contra os revolucionários que romperam com a ordem pública. Temendo a invasão dos rebeldes pelas cidades do interior, Graccho Cardoso determinou que várias escolas dos municípios fossem ocupadas pelos soldados sergipanos, com o fito de assegurar a ordem. Na mensagem de 1926 o presidente de Sergipe justificou os problemas na esfera educacional alegando que “há de adiantar que em vários municípios, especialmente o de Annapolis, o Grupo escolar esteve ocupado durante mais de dois meses com as forças que alli estacionaram em defesa à provável invasão dos rebeldes” (SERGIPE, 1926, p. 81).

Entre 1924 e 1926 o caos rondou por Sergipe. O governo que tanto buscou realizar inaugurações pomposas e expor a criação de inúmeras instituições culturais por todo o estado ficou paralisado¹⁵, inerte diante da ação dos tenentistas¹⁶. Em meio aos tiroteios a população

¹⁵ Um exemplo dessa estagnação das inaugurações ocorreu com o Cristo Redentor na cidade de São Cristóvão. A imagem, símbolo da modernização local e da reafirmação dos laços entre Estado e Igreja Católica teve sua inauguração adiada por inúmeras vezes em decorrência da ação dos rebeldes. Sobre a construção do Cristo redentor de São Cristóvão e o governo de Graccho Cardoso pode ser consultada a monografia de Josineide Santana (2000).

deve ter permanecido apavorada com a situação de instabilidade da cidade de Aracaju. Os tenentistas rebelaram-se em Sergipe em 1924 e depois, no ano de 1926, em decorrência da repercussão da passagem da Coluna Prestes pelo norte da Bahia (o que justifica a ocupação do grupo escolar de Anápolis pelos soldados sergipanos). Nesta segunda revolta o governo agiu com veemência na tentativa de sufocar o movimento e o campo educacional também sofreu as implicações da revolta. O Grupo Escolar Barão de Maruim foi utilizado temporariamente como presídio para deter os rebelados. Mais uma vez a escola era transformada empiricamente num quartel, numa prisão para manter a ordem.

Foi somente após o apaziguamento da situação política do estado que a rotina educacional voltou a desenrolar de modo ameno. As ruas de Aracaju voltavam a apresentar as características aprazíveis e Sergipe poderia outra vez engendrar-se nos trilhos da modernidade. Contudo, os sinais das revoltas permaneciam à vista de todos e as autoridades se preocuparam de imediato, em apagar os resquícios da desordem que tinha assolado Sergipe em dois longos anos. Camadas de tintas republicanas cobriram a ação dos revoltosos, tentando inibir novas ações e repelir a memória revolucionária. Embora o governo tentasse encobrir esse passado recente de contestação, o ímpeto de luta estava avivado nos opositores, que a cada momento galgavam mais força no campo político local e minavam com o poder de Graccho Cardoso, que a cada dia perdia seus velhos aliados. A tinta não foi suficiente para fortalecer seu grupo político. Observe como ele informou sobre as reformas do Grupo Barão de Maruim após o fim do estado de sítio decretado devido às rebeliões tenentistas: “Recebeu também reforma geral na sua pintura externa e interna e em várias peças da respectiva esquadria, o Grupo Barão de Maruim, que servira de presídio a detentos por efeito do estado de sítio” (SERGIPE, 1926, p. 68).

Os imponentes grupos que serviriam para edificar corpos dóceis e construir a civilização brasileira estavam trancafiando revoltosos, impondo a ordem à sociedade sergipana. Seria essa mais uma atribuição dos grupos? Seria essa funcionalidade destoante da proposta educacional das escolas graduadas? Provavelmente não. A construção da ordem deveria ser impelida pela educação formal das escolas ou pela força repressora do Estado. A República brasileira nas suas quatro primeiras décadas soube muito bem como articular essa duas esferas aparentemente destoantes. Os grupos eram fábricas de corpos dóceis e a forma de fazer ou moldar esses corpos poderia ser o olhar atento das professoras, os passos impenetráveis da direção pelos corredores da escola ou a violência dos soldados vigilantes sobre os prisioneiros. Por algum tempo, nos momentos de paz ou guerra, os grupos escolares serviram como moldes do cidadão brasileiro.

4. CONCLUSÃO

O homem faz a história ao longo do tempo vivido deixando marcas, sinais de sua passagem, indícios que um dia podem auxiliar os pesquisadores a desvendarem os mistérios que encobriram a época em que viveu. Sem tais sinais, o historiador não tem como agir, como perscrutar sobre o passado vivido. O investigador do passado precisa da matéria-prima para executar sua missão de analisar as investidas da sociedade ao longo do tempo, ele necessita das pistas que a sociedade produziu e deixou, intencionalmente ou não, para serem delegadas ao futuro.

Aventurar-se pelo tempo é um dos convites impregnados no ofício do historiador. Todavia, é do saber do historiador que o passado em si é algo perdido no tempo, um bem precioso intangível. Para tentar entender o passado da humanidade é preciso encontrar os sinais produzidos por essa sociedade compreender os seus múltiplos sentidos, a simbiose entre as questões do tempo vivenciado pelo pesquisador e os problemas concernentes ao tempo

¹⁶ Sobre o tenentismo em Sergipe o historiador político Ibarê Dantas realizou uma pesquisa de fôlego e ponta para algumas questões que culminariam na Revolução de 1930. Segundo Dantas, “Em Aracaju, quatro oficiais, entre os quais o tenente Augusto Maynard Gomes, acompanhados de soldados, saíram da sede do 28º BC na madrugada de 13.07.1924, investiram contra o Quartel da polícia e Palácio, mataram dois sentinelas, prenderam o presidente do *Estado*, vários de seus auxiliares e formaram uma junta governativa” (DANTAS, 2004, p. 42).

estudado. Na perspectiva dos intelectuais do movimento dos Annales, a História é a filha de seu tempo, ou seja, o historiador estuda no passado aquilo que o incomoda no presente.

1. BARRETO, Luís Antônio. Simão Dias: fragmentos de sua História. In: CARVALHO DÉDA, José de. **Simão Dias: fragmentos de sua História**. Aracaju: J. Andrade, 2008.
2. BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. “Desfiles Patrióticos: Memória e Cultura Cívica dos Grupos Escolares de Curitiba (1903-1971)”. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org). **Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. São Paulo: FAPESP/ Mercado das Letras, 2006.
3. BERGER, Miguel André. “A Prática pedagógica e avaliativa no cotidiano dos grupos escolares”. In: NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Problemas de educação escolar e extra-escolar**. São Cristóvão-SE; Editora UFS, 2005, p. 63-100.
4. BRASIL. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
5. CORREIO DE ARACAJU. **Correio de Aracaju**. Aracaju. 10-07-1917, nº 2083.
6. DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1989-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
7. **O Tenentismo em Sergipe: da revolta de 1924 à revolução de 1930**. 2ª Ed. Aracaju: JAndrade/Funcaju, 1999.
8. DIÁRIO DA MANHÃ. **Diário da Manhã**. Aracaju. 06-09-1922, nº 2578.
9. ESTADO DE SERGIPE. **Estado de Sergipe**. Aracaju. 07-07-1917, nº 5227.
10. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
11. FREIRE, Firmo. Pronunciamento na Inauguração do Grupo Escolar Barão de Maroim. In: **Correio de Aracaju**. Aracaju. 10-07-1917, nº 2083.
12. HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
13. NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
14. PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da Era das cadeiras isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**. Campinas-SP: Autores Associados; São Paulo: USF, 2002.
15. SANTANA, Josineide Siqueira de. **Em novos tempos de fé: aspectos das mudanças na igreja e religiosidade popular católica em São Cristóvão Sergipe (1911-1926)**. São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.
16. SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Além do Silêncio: espaço, arquitetura e educação no Grupo Escolar Barão de Maroim**. São Cristóvão, 2005a. 113 f. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.
17. SANTOS, Nivalda Menezes. **O Celibato Pedagógico Feminino em Sergipe nas Três Primeiras décadas do século XX**. Uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes. São Cristóvão, 2006. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação). NPGED, POSGRAP, UFS.
18. SANTOS, Vera Maria dos. **A geografia e seus livros didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX**. São Cristóvão, 2004. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação). NPGED, POSGRAP, UFS.
19. SERGIPE. **Mensagem do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho Cardoso dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1924, ao instalar a 2ª sessão Ordinária da 15ª Legislatura**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1924. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 06, vol. 85.
20. SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe**. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.
21. VIÑAO FRAGO, Antonio. “Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões”. In: **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Trad. Alfredo Veiga Neto. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.